

## O desafio da avaliação na práxis educativa

Ana Maria Maranhão Porto da Silveira

### Resumo

A avaliação é parte integrante do processo ensino aprendizagem. Ela requer preparo técnico e capacidade de observação dos profissionais envolvidos tornando possível o processo mediador na construção do currículo. Relacionado à gestão da aprendizagem dos alunos, isto envolve o saber avaliar, como avaliar, para quê avaliar e quais as contribuições que esses instrumentos avaliativos favorecerão a qualidade de educação. Aqui educador deve identificar as diversidades culturais dos alunos buscando uma avaliação qualitativa que vise à formação integral do aluno cidadão, para que atue na sociedade de forma digna, solidária e competente. Mas, para que isso ocorra é importante que o professor se conscientize de que avaliar é um desafio que se pretende vencer de forma processual e dinâmica, tendo a capacidade de mudar nossos instrumentos avaliativos, proporcionando aos alunos prazer em aprender e a construir novos conhecimentos. A arte de ensinar e de aprender está nas mãos do educador que busca inovar e acredita que o conhecimento universal pode ser compartilhado por meio da pesquisa, investigando novas formas de viabilizar o processo avaliativo, visando à formação do aluno cidadão e trazendo para a sala de aula prazer em ser avaliado com qualidade e profissionalismo.

**Palavras-chave:** Avaliação processual; Ensinar; Aprender.

### Abstract

*Evaluation is part of the teaching and learning process which requires from professionals technical skill and observation ability. In this exercise, they somewhat mediate in the curriculum review process aimed to meet students' learning needs. This learning process implies the knowledge of what, how and when to evaluate; so that teachers may single out which evaluation instruments might help improve the quality of their*

*intervention. This requires that teachers are aware of students' cultural differences and choose appropriate instruments to enhance their knowledge and skills so as to act and become effective members of their community. Since teaching is an art, lecturers ought to guarantee the learning process of their students by utilizing researched innovative methods in order to attain these students' real improvement and growth.*

**Keywords:** *Process evaluation; Teaching; Learning.*

## 1. Introdução

A avaliação, como concebida e vivenciada na maioria das Instituições Educativas, tem se constituído na principal sustentação da lógica de organização do trabalho escolar e, portanto, legitimador do fracasso, ocupando o papel central nas relações que estabelecem entre si os profissionais da educação, alunos e pais.

Avaliar é um processo difícil de executar na prática educativa. O professor, muitas vezes, não tem condições de mensurar e de qualificar o conhecimento dos alunos onde procura através dos instrumentos avaliativos, formas diferenciadas para averiguar se de fato o aluno aprendeu o novo conhecimento.

Entender a distinção entre testar, medir e avaliar é de fundamental importância para que o professor possa verificar o desempenho dos alunos, descrevendo os fenômenos das descobertas e interpretar os resultados, ora de forma qualitativa, ora quantitativamente para que o processo ensino-aprendizagem ocorra de forma significativa na vida acadêmica do aluno.

A avaliação é um processo contínuo e permanente na vida de todos os atores envolvidos na arte de educar. O ser humano é avaliado no decorrer de todo o processo, e, sendo assim, precisa de apoio, orientação e solidariedade ao avaliar e ser avaliado. O olhar de si e do outro precisa ser interpretado, conforme os objetivos que se pretende alcançar, no decorrer da construção dos conhecimentos.

Durante muitos anos, o tema avaliação de aprendizagem foi trabalhado em diferentes perspectivas. Desta feita, questiona-se: Como estaria sendo trabalhado hoje? A avaliação tradicional ainda vem deixando seus «ranços» na educação. São poucos profissionais

da educação que procuram, pesquisam e tentam modificar suas práticas avaliativas, objetivando a aprendizagem do aluno, procurando mediar seus conhecimentos em prol de sua formação.

A avaliação enquanto processo de diagnose e formação torna-se um desafio para os professores que tentam inovar seus instrumentos e estratégias avaliativas. Quando se aborda a avaliação diagnóstica, deveria se referir àquela realizada no início do conteúdo a ser desenvolvido, tendo a intenção de verificar o domínio dos conteúdos dos alunos e o domínio ou não dos pré-requisitos, que são necessários para dar continuidade ao processo ensino-aprendizagem.

Preocupa-se com a formação integral do aluno cidadão, comprometido com a cidadania. Que cidadania é essa que se faz acontecer dentro das instituições escolares, sendo que os alunos ainda não possuem o direito de sugerir alternativas para mudança do processo avaliativo? Há momentos que é necessário rever os paradigmas em relação às ações no pensar e no fazer pedagógico.

É necessário fazer a diferença na aplicabilidade da avaliação no decorrer da história educacional tornando-se agentes transformadores e pesquisadores de saberes da prática docente, que irão proporcionar prazer e alegria ao educando que busca o conhecimento.

Mudar é preciso para conviver em pleno século XXI, mudando os paradigmas em relação ao que fui e ao que sou ao que aprendi no passado e ao que estou aprendendo neste momento. Sendo assim, torna-se um desafio reavaliar os conceitos, concepções e valores trazendo para o mundo real uma visão multidimensional da sabedoria, coragem, determinação, prudência e serenidade para atuar na escola de hoje que é dinâmica e transformadora.

## **2. Origem e evolução da avaliação**

Avaliar vem do latim *a + valere*, que significa atribuir valor e mérito ao objeto em estudo. Portanto, avaliar é atribuir um juízo de valor sobre a propriedade de um processo para a aferição da qualidade do seu resultado, porém, a compreensão do processo de avaliação do processo ensino/aprendizagem tem sido pautada pela lógica da



mensuração, isto é, associa-se o ato de avaliar ao de “medir” os conhecimentos adquiridos pelos alunos.

A avaliação tem sido estudada desde o início do século XX, porém, segundo Caro apud Goldberg & Souza (1982, p. 79), desde 1897 existem registros dos relatos de J. M. Rice sobre uma pesquisa avaliativa utilizada para estabelecer a relação entre o tempo de treinamento e o rendimento em ortografia, revelando que uma grande ênfase em exercícios não levava necessariamente a um melhor rendimento.

As duas primeiras décadas deste século, de acordo com Borba & Ferri (1997, p. 91), foram marcadas pelo desenvolvimento de testes padronizados para medir as habilidades e aptidões dos alunos e influenciados, principalmente nos Estados Unidos, pelos estudos de Robert Thorndike.

Nessa época, as pesquisas avaliativas voltavam-se particularmente para a mensuração de mudanças do comportamento humano. Caro apud Goldberg & Souza (1982, p. 64) aponta várias destas pesquisas realizadas nos anos 20 para medir efeitos de programas de diversas áreas sobre o comportamento das pessoas. Eram realizados experimentos relativos à produtividade e à moral dos operários, à eficácia de programas de saúde pública, à influência de programas experimentais universitários sobre a personalidade e atitudes dos alunos, etc.

A avaliação da aprendizagem tem seus princípios e características no campo da Psicologia, sendo que as duas primeiras décadas do século XX foram marcadas pelo desenvolvimento de testes padronizados para medir as habilidades e aptidões dos alunos.

A partir do início do século XX, a avaliação vem atravessando pelo menos quatro gerações, conforme Guba e Lincoln, apud Firme (1994). São elas: mensuração, descritiva, julgamento e negociação.

Na mensuração não distinguia avaliação e medida. Nessa fase, era preocupação dos estudiosos na elaboração de instrumentos ou testes para verificação do rendimento escolar. O papel do avaliador era, então, eminentemente técnico e, neste sentido, testes e exames

eram indispensáveis na classificação de alunos para se determinar seu progresso.

A geração descritiva surgiu em busca de melhor entendimento do objetivo da avaliação. Conforme os estudiosos, a geração anterior só oferecia informações sobre o aluno. Precisavam ser obtidos dados em função dos objetivos por parte dos alunos envolvidos nos programas escolares, sendo necessário descrever o que seria sucesso ou dificuldade com relação aos objetivos estabelecidos. Neste sentido o avaliador estava muito mais concentrado em descrever padrões e critérios. Foi nessa fase que surgiu o termo "avaliação educacional".

A terceira geração de julgamento questionava os testes padronizados e o reducionismo da noção simplista de avaliação como sinônimo de medida; tinha como preocupação maior o julgamento. Neste sentido, o avaliador assumiria o papel de juiz, incorporando, contudo, o que se havia preservado de fundamental das gerações anteriores, em termos de mensuração e descrição. Assim, o julgamento passou a ser elemento crucial do processo avaliativo, pois não só importava medir e descrever, era preciso julgar sobre o conjunto de todas as dimensões do objeto, inclusive sobre os próprios objetivos.

A geração negociação, a avaliação é um processo interativo, negociado, que se fundamenta num paradigma construtivista. Para Guba e Lincoln apud Firme (1994, p. 92) é uma forma responsiva de focar e um modo construtivista de fazer. A avaliação é responsiva porque, diferentemente das alternativas anteriores que partem inicialmente de variáveis, objetivos, tipos de decisão e outros, ela se situa e desenvolve a partir de preocupações, proposições ou controvérsias em relação ao objetivo da avaliação, seja ele um programa, projeto, curso ou outro foco de atenção. Ela é construtivista em substituição ao modelo científico, que tem caracterizado, de um modo geral, as avaliações mais prestigiadas neste século.

Neste sentido, Souza (1993, p. 46) diz que a finalidade da avaliação, de acordo com a quarta geração, é fornecer, sobre o processo pedagógico, informações que permitam aos agentes escolares decidir

sobre as intervenções e redirecionamentos que se fizerem necessários em face do projeto educativo, definido coletivamente, e comprometido com a garantia da aprendizagem do aluno. Converte-se, então, em um instrumento referencial e de apoio às definições de natureza pedagógica, administrativa e estrutural, que se concretiza por meio de relações partilhadas e cooperativas.

#### **4. Funções do processo avaliativo**

O processo de ensino/aprendizagem tem um caminho a seguir entre um ponto de partida e um ponto de chegada, naturalmente que é necessário verificar se o trajeto está a decorrer em direção à meta, se alguns pararam por não saber o caminho ou por terem enveredado por um desvio errado. É essa informação, sobre o progresso de grupos e de cada um dos seus membros, que a avaliação tenta recolher e que é necessária a professores e alunos.

Sendo assim, a avaliação descreve que conhecimentos, atitudes ou aptidões que os alunos adquiriram, ou seja, que objetivos do ensino já atingiram num determinado ponto de percurso e que dificuldades estão a revelar relativamente a outros. Esta informação é necessária ao professor para procurar meios e estratégias que possam ajudar os alunos a resolver essas dificuldades e é necessária aos alunos para se aperceberem delas (não podem os alunos identificar claramente as suas próprias dificuldades num campo que desconhecem) e tentarem ultrapassá-las com a ajuda do professor e com o próprio esforço. Desta feita, as avaliações a que o professor procede enquadram-se em três grandes funções: avaliação diagnóstica, formativa e somativa.

A função diagnóstica como a primeira abordagem, de acordo com Miras e Solé (1996, p. 381), contemplada pela avaliação diagnóstica (ou inicial), é a que proporciona informações acerca das capacidades do aluno antes de iniciar um processo de ensino/aprendizagem, ou ainda, segundo Bloom, Hastings e Madaus (1975), busca a determinação da presença ou ausência de habilidades e pré-requisitos, bem como a identificação das causas de repetidas dificuldades na aprendizagem.



A avaliação diagnóstica pretende averiguar a posição do aluno em face de novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, no sentido de obviar as dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes.

A segunda função a avaliação formativa que, conforme Haydt (1995, p. 17), permite constatar se os alunos estão, de fato, atingindo os objetivos pretendidos, verificando a compatibilidade entre tais objetivos e os resultados efetivamente alcançados durante o desenvolvimento das atividades propostas. Representa o principal meio através do qual o estudante passa a conhecer seus erros e acertos, assim, maior estímulo para um estudo sistemático dos conteúdos. Outro aspecto destacado pela autora é o da orientação fornecida por este tipo de avaliação, tanto ao estudo do aluno como ao trabalho do professor, principalmente através de mecanismos de *feedback*.

Estes mecanismos permitem que o professor detecte e identifique deficiências na forma de ensinar, possibilitando reformulações no seu trabalho didático, visando aperfeiçoá-lo. Para Bloom, Hastings e Madaus (1975, p. 97), a avaliação formativa visa informar o professor e o aluno sobre o rendimento da aprendizagem no decorrer das atividades escolares e a localização das deficiências na organização do ensino para possibilitar correção e recuperação. A avaliação formativa pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar solução.

A função somativa tem como objetivo, segundo Miras e Solé (1996, p. 378) determinar o grau de domínio do aluno em uma área de aprendizagem, o que permite outorgar uma qualificação que, por sua vez, pode ser utilizada como um sinal de credibilidade da aprendizagem realizada. Pode ser chamada também de função creditativa. Também tem o propósito de classificar os alunos ao final de um período de aprendizagem, de acordo com os níveis de aproveitamento.

A avaliação somativa pretende ajuizar do progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir

resultados já colhidos por avaliações do tipo formativa e obter indicadores que permitem aperfeiçoar o processo de ensino. Corresponde a um balanço final, a uma visão de conjunto relativamente a um todo sobre o qual, até aí, só haviam sido feitos juízos parcelares.

## **5. Objetivos da avaliação**

Na visão de Miras e Solé (1996, p. 375), os objetivos da avaliação são traçados em torno de duas possibilidades: emissão de “um juízo sobre uma pessoa, um fenômeno, uma situação ou um objeto, em função de distintos critérios”, e “obtenção de informações úteis para tomar alguma decisão”. Para Nérici (1977, p. 117), a avaliação é uma etapa de um procedimento maior que incluiria uma verificação prévia. A avaliação, para este autor, é o processo de ajuizamento, apreciação, julgamento ou valorização do que o educando revelou ter aprendido durante um período de estudo ou de desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem.

Segundo Bloom, Hastings e Madaus (1975, p.116), a avaliação pode ser considerada como um método de adquirir e processar evidências necessárias para melhorar o ensino e a aprendizagem, incluindo uma grande variedade de evidências que vão além do exame usual de ‘papel e lápis’. É ainda um auxílio para classificar os objetivos significativos e as metas educacionais, um processo para determinar em que medida os alunos estão se desenvolvendo dos modos desejados, um sistema de controle da qualidade, pelo qual pode ser determinada etapa por etapa do processo ensino/aprendizagem, a efetividade ou não do processo e, em caso negativo, que mudança deve ser feita para garantir sua efetividade.

## **6. Comparando modelos de avaliação**

Entende-se que a avaliação não pode morrer. Ela se faz necessária para que se possa refletir, questionar e transformar nossas ações. Gadotti (1990, p. 93) diz que a avaliação é essencial à educação, inerente e indissociável enquanto concebida como problematização, questionamento, reflexão, sobre a ação.



O mito da avaliação é decorrente de sua caminhada histórica, sendo que seus fantasmas ainda se apresentam como forma de controle e de autoritarismo por diversas gerações. Acreditar em um processo avaliativo mais eficaz é o mesmo que cumprir sua função didático-pedagógica de auxiliar e melhorar o ensino/aprendizagem.

A forma como se avalia, segundo Luckesi (2002, p. 86), é crucial para a concretização do projeto educacional. É ela que sinaliza aos alunos o que o professor e a escola valorizam. O autor, na tabela 1, traça uma comparação entre a concepção tradicional de avaliação com uma mais adequada a objetivos contemporâneos, relacionando-as com as implicações de sua adoção.

Modelo tradicional de avaliação	Modelo adequado
<p><b>Foco na promoção</b> – o alvo dos alunos é a promoção. Nas primeiras aulas, se discutem as regras e os modos pelos quais as notas serão obtidas para a promoção de uma série para outra.</p> <p><b>Implicação</b> – as notas vão sendo observadas e registradas. Não importa como elas foram obtidas, nem por qual processo o aluno passou.</p>	<p><b>Foco na aprendizagem</b> - o alvo do aluno deve ser a aprendizagem e o que de proveitoso e prazeroso dela obtém.</p> <p><b>Implicação</b> - neste contexto, a avaliação deve ser um auxílio para se saber quais objetivos foram atingidos, quais ainda faltam e quais as interferências do professor que podem ajudar o aluno.</p>
<p><b>Foco nas provas</b> - são utilizadas como objeto de pressão psicológica, sob pretexto de serem um 'elemento motivador da aprendizagem', seguindo ainda a sugestão de Comenius em sua Didática Magna criada no século XVII. É comum ver professores utilizando ameaças como "Estudem! Caso contrário, vocês poderão se dar mal no dia da prova!" ou "Fiquem quietos! Prestem atenção! O dia da prova vem aí e vocês verão o que vai acontecer..."</p> <p><b>Implicação</b> - as provas são utilizadas como um fator negativo de motivação. Os alunos estudam pela ameaça da prova, não pelo que a aprendizagem pode lhes trazer de proveitoso e prazeroso. Estimula o desenvolvimento da submissão e de hábitos de comportamento físico tenso (estresse).</p>	<p><b>Foco nas competências</b> - os desenvolvimentos das competências previstas no projeto educacional devem ser a meta em comum dos professores.</p> <p><b>Implicação</b> - a avaliação deixa de ser somente um objeto de certificação da consecução de objetivos, mas também se torna necessária como instrumento de diagnóstico e acompanhamento do processo de aprendizagem. Neste ponto, modelos que indicam passos para a progressão na aprendizagem, como a Taxionomia dos Objetivos Educacionais de Benjamin Bloom, auxiliam muito a prática da</p>

<p><b>Os estabelecimentos de ensino estão centrados nos resultados das provas e exames</b> - eles se preocupam com as notas que demonstram o quadro global dos alunos, para a promoção ou reprovação.</p> <p><i>Implicação</i> - o processo educativo permanece oculto. A leitura das médias tende a ser ingênua (não se buscam os reais motivos para discrepâncias em determinadas disciplinas).</p>	<p>avaliação e a orientação dos alunos.</p> <p><b>Estabelecimentos de ensino centrados na qualidade</b> - os estabelecimentos de ensino devem preocupar-se com o presente e o futuro do aluno, especialmente com relação à sua inclusão social (percepção do mundo, criatividade, empregabilidade, interação, posicionamento, criticidade).</p> <p><i>Implicação</i> - o foco da escola passa a ser o resultado de seu ensino para o aluno e não mais a média do aluno na escola.</p>
<p><b>O sistema social se contenta com as notas</b> - as notas são suficientes para os quadros estatísticos. Resultados dentro da normalidade são bem vistos, não importando a qualidade e os parâmetros para sua obtenção (salvo nos casos de exames como o ENEM que, de certa forma, avaliam e "certificam" os diferentes grupos de práticas educacionais e estabelecimentos de ensino).</p> <p><i>Implicação</i> - não há garantia sobre a qualidade, somente os resultados interessam, mas estes são relativos. Sistemas educacionais que rompem com esse tipo de procedimento tornam-se incompatíveis com os demais, são marginalizados e, por isso, automaticamente pressionados a agir da forma tradicional.</p>	<p><b>Sistema social preocupado com o futuro</b></p> <p>- já alertava o ex-ministro da Educação, Cristóvam Buarque: "Para saber como será um país daqui a 20 anos, é preciso olhar como está sua escola pública no presente". Esse é um sinal de que a sociedade já começa a se preocupar com o distanciamento educacional do Brasil com o dos demais países. É esse o caminho para revertermos o quadro de uma educação "domesticadora" para "humanizadora".</p> <p><i>Implicação</i> - valorização da educação de resultados efetivos para o indivíduo.</p>

Quadro 1: Comparação entre a concepção tradicional de avaliação com uma mais adequada a objetivos contemporâneos

Fonte: Luckesi (2002, p.102)

As mudanças não ocorrem por acaso. Elas obedecem à evolução da humanidade e ao desejo de transformação, levando o homem a atuar no universo de forma progressista. O conhecimento tem chegado de forma assustadora no universo escolar. Com o processo

de globalização as informações estão conectadas em rede, e nós não conseguimos acompanhar esse universo informativo que está chegando a todo o momento. E como avaliariamos tais informações, sendo professores?

É muito complexo entender e compreender essas questões que não deixam de ser avaliativas em nossa vida. Quantas vezes, na sala de aula, o aluno traz informações das quais, nós não estamos preparados para responder? O aprender a ouvir o aluno e estar participando com ele do processo ensino-aprendizagem são outro desafio que teremos que enfrentar no cotidiano escolar.

Entender o humano, como diz Morin (2000, p. 95), é complexo. A complexidade do pensamento humano liga-se a incertezas e, ao mesmo tempo, busca uma certeza no conhecimento. E o que é o conhecimento? É um aprender a ser avaliado para saber se aprendeu? Por que tantas exigências, sem nem ao menos sabemos para que servem?

O refletir, o pesquisar, o se informar sobre nós, enquanto sujeitos e objetos do conhecimento se torna necessário para compreender o humano. O professor de hoje tem consciência do que é o processo avaliativo, mas tem medo da avaliação. Tem medo de ser avaliado, criticado e de não poder argumentar sobre o processo. Tem medo do olhar do outro sobre «faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço». Ainda existem pessoas que agem dessa forma. Freire (1997, p. 46) deixa claro em seu livro *A Pedagogia da Autonomia*, que o professor deve ensinar a corporeificação. Mas como? Se ele nem sabe o que é isso?

Corporificar é buscar ser exemplo ou mesmo referência para os alunos, hoje é importante, pois, muitos se encontram no «olhar que têm de um determinado professor que julga ser o melhor» (Freire, 1997, p. 38). Mesmo essa premissa podendo ser falsa, há aqueles que nela acreditam e se fundamentam para conseguir lutar pelos seus sonhos. O professor tem que procurar levar seus alunos a pesquisarem, a se comprometerem, a se auto-avaliarem e serem avaliados pelo grupo, pois a avaliação é um processo natural no desenvolvimento humano. Buscar melhorar seus hábitos e atitudes é essencial, para que as mudanças ocorram. Somos seres mutáveis e



necessitamos de nos inter relacionarmos para transformamos nossas vidas.

Para Freire (1997, p. 44):

Não é apenas preciso mudar o que, porém exige paciência, uma paciência que eu chamo de impaciente, que exige também conhecimento, humildade e uma pressa não demasiada apressada, quer dizer, você tem que viver um tempo em que você corre e anda também, anda quando pode, corre quando pode.

O tempo é o senhor da sabedoria. Temos que confiar em nossa capacidade de aprender a conhecer o universo cultural em que vivemos. Compreender o ser humano e suas relações no espaço em que vive. Aprender que as mudanças existem e que podemos ser pacientes em diagnosticá-las como processo de transformação ou processo de destruição de nossa própria natureza. Vivemos em um mundo dicotômico, e a partir de suas irreverências, podemos discernir o que seria melhor para a formação de um homem cidadão, político e consciente de sua formação.

Para Esteban (2003, p. 83), o processo avaliativo não tem que reprovar, mas dar continuidade aos estudos assimilados pelos alunos no decorrer de formação. Para ela, a avaliação é uma prática de investigação. E cabe, a nós professores, levar os nossos alunos a buscar essa investigação, levando em consideração o erro/acerto, o fazer/refazer para aprendermos a construir nossos conhecimentos fundamentados em dados concretos.

Portanto, cabe aos professores pesquisadores, buscarem, em sua prática educacional, instrumentos avaliativos inovadores; alternativas metodológicas de desenvolver habilidades e competências de estar proporcionando aos seus alunos novos desafios, para incentivá-los a buscarem novas descobertas na arte de avaliar. O desafio de descobrir novos caminhos para se avaliar com prazer, pesquisa e descoberta de novos conhecimentos está em nossas mãos, professores/educadores. Somente eles poderão orientar os alunos na construção de novas aprendizagens, proporcionando um ensino de qualidade, visando sua formação.

## 7. Conclusão

A avaliação é a parte mais importante de todo o processo de ensino-aprendizagem. Benvenuti (2002, p. 82) diz que avaliar é mediar o processo ensino/aprendizagem, é oferecer recuperação imediata, é promover cada ser humano, é vibrar junto a cada aluno em seus lentos ou rápidos progressos.

Enquanto a avaliação permanecer presa a uma pedagogia ultrapassada, a mesma autora diz que a evasão permanecerá, e o educando, o cidadão, o povo continuará escravo de uma minoria, que se considera a elite intelectual, voltada para os valores da matéria ditadora, fruto de uma democracia mascarada e opressora.

Acredita-se que o grande desafio para construir novos caminhos, segundo Ramos (2001, p. 63), é uma avaliação com critérios de entendimento reflexivo, conectado, compartilhado e autonomizador no processo ensino/aprendizagem. Desta forma, estaremos formando cidadãos conscientes, críticos, criativos, solidários e autônomos.

Os novos paradigmas em educação devem contemplar o qualitativo, descobrindo a essência e a totalidade do processo educativo, pois se a meta é educação e transformação, não resta alternativa senão romper paradigmas, mudar concepção, mudar a prática e construir uma nova escola.

## 8. Referências

- Acúrcio, M.R.B. (2002). *Questões urgentes na educação*. Porto Alegre/Belo Horizonte: Artmed/Rede Pitágoras.
- Benvenuti, D. B. (2002). *Avaliação, sua história e seus paradigmas educativos*. Pedagogia: a Revista do Curso. Brasileira de Contabilidade. São Miguel do Oeste, SC.
- Bloom, B. S., Hastings, J. T., Madaus, G. F. (1975). *Evaluación del aprendizaje*. Buenos Aires: Troquel.
- Bloom, B. S.; Hastings, T.; e Madaus, G. (1983). *Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar*. São Paulo: Pioneira.

- Borba, A. M. de & Ferri, C. (1997). *Avaliação: contexto e perspectivas*. Revista de Divulgação Científica da Universidade do Vale do Itajaí Itajaí, SC: Alcance.
- Delores; J. (2000). *Educação; um tesouro a descobrir*. 4 ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: MEC: UNESCO.
- Esteban, M.T. (2003). *Escola, currículo e avaliação*. São Paulo: Cortez.
- Firme, T. P. (1994). *Avaliação: tendências e tendenciosidades*. Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação. Rio de Janeiro.
- Freire, P. (1997). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 3ªed. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A.
- \_\_\_\_\_ (1981). *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gadotti, M. (1991). *Uma escola para todos os caminhos da autonomia escolar*. Petrópolis: Vozes.
- Goldberg, M. A. A. e Souza, C. P. de. (1982). *Avaliação de Programas Educacionais: vicissitudes, controvérsias e desafios*. São Paulo: EPU.
- Hayd T, R. C. (1995). *Avaliação do processo ensino-aprendizagem*. São Paulo: Ática.
- \_\_\_\_\_ (2002). *Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem*. SP: Ática.
- \_\_\_\_\_ (1994). *Entrevista com Paulo Freire*. Rio Grande do Sul: Prospectiva.
- Luckesi, C.C. (2002). *Avaliação da aprendizagem escolar*. 14 ed. São Paulo: Cortez.
- Miras, M. e Solé, I. (1996). *A evolução da aprendizagem e a evolução do processo de ensino e aprendizagem*. In Coll, C., Palacios, J., Marchesi, A. Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Morin, E. (2000). *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. Trad. De Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão



- técnica de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO.
- Nérici, I. G. (1977). *Metodologia do ensino: uma introdução*. São Paulo: Atlas.
- Oliveira, G. P. de. *Avaliação formativa nos cursos superiores: verificações qualitativas no processo de ensino-aprendizagem e a autonomia dos educandos*. [www.campus.oei.org](http://www.campus.oei.org). Acesso em 13 de dez. de 2003.
- Perrenoud, P. (1999). *Avaliação: da excelência à regulação da aprendizagem - entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- \_\_\_\_\_ (1993). *Não mexam na minha avaliação! Para uma abordagem sistêmica da mudança pedagógica*. In: NÓVOA, A. *Avaliação em educação: novas perspectivas*. Porto, Portugal: Porto Editora.
- Ramos, P. (2001). *Os pilares para educação e avaliação*. Blumenau, SC: Acadêmica.
- Souza, C. P. de (1993). *Avaliação do rendimento escolar*. Campinas: Papyrus.
- Wachowiz, L. A. e Romanowski, J. P. (2002). *Avaliação: que realidade é essa?* Revista da Rede de Avaliação Institucional da Educação Superior. Campinas - SP.

### **Sobre la Autora**

A autora é pedagoga, habilitada pela Faculdade de Filosofia do Recife, PE em administração escolar, orientação educacional e magistério. Especialista em educação infantil e ensino fundamental pela Universidade Santa Úrsula, SP. Especialista em planejamento educacional pela Universidade Salgado de Oliveira, RJ. Mestre em ciência da educação pela Universidad Autónoma de Asunción UAA / PY. Doutoranda em Ciência da Educação pela Universidad Autónoma de Asunción / PY. Currículo Lattes / CNPq: 6725527353452965. Livro em CD: Gestão Estratégica Educacional (Registrado na Biblioteca Nacional pela Faculdade Santa Fé, São Luís / MA em 23/08/2005-ISBN 85-99429-01-9). Artigo Capa Publicado na revista ABCEDUCATIO: Qualidade Total na Educação-março 2006. Artigo Publicado site: [www.faculdadesantafe.com.br](http://www.faculdadesantafe.com.br) - Gestão Democrática, 2005. Artigo Publicado pela revista Científica IRUNDÚ/UAA - De uma Escola Eficaz para uma Escola de Qualidade, dezembro de 2006. Professora de graduação do curso de pedagogia-FACHO. Professora de pósgraduação, Faculdade Santa Fé e Escola Superior de Magistratura. Diretora de posgrado da Faculdade Santa Fé em Pernambuco.

E-mail: [anamaranhao@apartlink.com.br](mailto:anamaranhao@apartlink.com.br) / [anaespecial@ig.com.br](mailto:anaespecial@ig.com.br)  
Fone: (81) 99.13.04.93 (81) 32.27.49.33.